

Cecilia Conde: uma educadora musical sem barreiras

Comunicação

Nicole Roberta de Mello Penteadó
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
nicole_roberta@hotmail.com

Resumo: A partir deste trabalho, são apresentadas e discutidas ideias de ensino de música da educadora musical Cecilia Fernandez Conde. A pesquisa a que se refere o texto foi amparada em três metodologias de histórias de vida: História Oral, História de Vida e Método Biográfico. Entre devotados do tema e pesquisadores que abordaram os métodos em seus trabalhos, estão: Corrêa e Guiraud (2009); Ferrarotti (1988); Meihy (2005); Oliveira et al. (2013); Pereira (2000); Silva (2002); Spindola e Santos (2003); Verena (2005). Fizeram parte da coleta de dados da investigação materiais bibliográficos e entrevistas com seis ex-alunos e colegas de trabalho de Cecilia Conde. Dentre outros aspectos discutidos na pesquisa de mestrado, o recorte feito para esta comunicação destaca a valorização da articulação entre educação e cultura no ensino de música, concepção da educadora.

Palavras-chave: educação e cultura; cultura popular; trajetória profissional.

Introdução

Ao buscar por educadores musicais brasileiros sobre os quais poderia desenvolver minha dissertação de mestrado, em acordo com meu interesse pela realização de um trabalho de cunho biográfico, o nome de Cecilia Conde chamou-me a atenção, pois não conhecia nada a seu respeito. Li o prefácio que Cecilia escrevera para o livro *Pedagogias brasileiras em educação musical* (MATEIRO; ILARI, 2016) e iniciei uma busca por trabalhos escritos por/sobre ela, mas encontrei pouco material, insuficiente para realizar a pesquisa.

Assim, optei por entrevistar Cecilia Conde, o que possivelmente proporcionaria, além do acesso às suas narrativas, que eu encontrasse, através dela, outros materiais escritos, e que ela compartilhasse comigo um possível arquivo pessoal com manuscritos, fotografias e documentos diversos. Eu também poderia entrevistar pessoas do convívio da educadora, chegando até elas por meio da própria Cecilia.

Quando eu completava um ano no curso de mestrado, em setembro de 2018, Cecília Conde veio a falecer. Então, foi necessário rever a metodologia da pesquisa, que se construiu durante seu próprio processo, ajustando-se às mudanças não previstas em seu trajeto. Essa pode ser uma característica da pesquisa qualitativa, tornando concreta a crença de que, como disse o poeta espanhol Antonio Machado, *o caminho se faz ao caminhar*. Da mesma forma, para Fialho (2014), “o percurso da pesquisa na abordagem qualitativa, faz-se ao pesquisar” (p. 50). A partir de então, o percurso da pesquisa deveria se adequar a um novo cenário: aquilo que eu poderia conseguir através de Cecília Conde teria de ser encontrado por outros meios; as entrevistas com quem a conhecia vieram para o primeiro plano da pesquisa e saber quem eram essas pessoas tornou-se um desafio.

Com a pesquisa, busquei investigar parte da trajetória profissional de Cecília Conde enquanto educadora musical, sendo que este objetivo constituiu base para a formulação da seguinte questão: Que ideias sobre o ensino de música eram defendidas e vivenciadas por Cecília Conde como educadora musical? Assim, realizado um resgate das ideias e ações de Cecília Conde como professora de música e, especificamente, para esta comunicação foi feito um recorte, destacando-se a valorização da articulação entre cultura e educação no ensino de música.

Ao revisar a literatura, na busca por pesquisas que se dedicaram a investigar trajetórias profissionais de professores de música, foram encontrados trabalhos nas áreas da Educação e da Educação Musical, selecionados de acordo com seu potencial de diálogo com este estudo: Martins (2018), Schneider (2017), Sarfson Gleizer (2018) e Braga (2016). Com exceção do trabalho de Braga (2016), os demais se configuram em estudos sobre figuras nascidas nas décadas de 1920 e 1930, que exerceram suas profissões durante cerca de 60 anos, tal como Cecília Conde.

A pesquisa de Martins (2018) não enfoca as contribuições da biografada apenas como professora, mas considera também suas atividades como regente e intérprete, que foram significativas em sua carreira. Schneider (2017) investigou a metodologia do professor de instrumentos Eugênio Schneider, enquanto Braga (2016) fez um estudo sobre as contribuições da experiência profissional de seu sujeito de pesquisa como professor de violão popular. Por fim, a pesquisa de Sarfson Gleizer (2018) é a que mais se aproxima desta investigação, à

medida que a autora não focaliza Ana Lucía Frega como professora de instrumento, mas como professora de música. Além disso, Schneider trouxe referenciais da pesquisa (auto)biográfica e da pesquisa narrativa e Braga utilizou-se da pesquisa (auto)biográfica, método que também ampara este trabalho.

Quem é Cecília Conde

Filha da cantora Amália Fernandez Conde e de José Ramon Conde Rivas, Cecília Fernandez Conde nasceu no Rio de Janeiro-RJ, em 26 de janeiro de 1932¹, e faleceu em 11 de setembro de 2018, na mesma cidade. A musicista foi aluna de Liddy Chiaffarelli Mignone e Antônio Sá Pereira no Curso de Iniciação Musical do Conservatório Brasileiro de Música – CBM, fundado por sua mãe e seu tio – o compositor Oscar Lorenzo Fernandez – junto de outros amigos músicos (CONDE, 2016a). Nessa instituição, graduou-se em Bacharelado em Canto e em Bacharelado em Piano (1953) e fez Especialização em Iniciação Musical².

Além da estreita relação com Liddy Mignone, Cecília conviveu com diversos músicos, educadores musicais e profissionais de outras áreas: Guerra Peixe, Hans-Joachim Koellheutter, Esther Scliar, Edino Krieger, Violeta Hemsy de Gainza, Murray Schafer, Helena Antipoff, Rolando Benenzon, Augusto Rodrigues, Pedro Dominguez, Ilo Krugli, Klauss Vianna, Angel Vianna, Nise da Silveira, Darcy Ribeiro, Paulo Afonso Grisolli, Mauro Sá Rego Costa, dentre outros.

Dentre inúmeros feitos, Cecília Conde foi premiada com a Medalha Augusto Rodrigues Comemorativa dos 50 anos da Escolinha de Arte do Brasil (1999); fez parte da Equipe de Coordenação do Projeto Música na Escola em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro; desempenhou a função de subsecretária de Ação Cultural da Secretaria de Estado de Cultura do Rio entre 2003 e 2006; criou o primeiro curso de Musicoterapia do Brasil no CBM, no início dos anos 1970; foi coordenadora, em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, do XIII Encontro Nacional de Educação Musical da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, em 2004; foi

¹ Informações publicadas pelo Conservatório Brasileiro de Música em sua rede social online (Facebook). Acesso: www.facebook.com/CBM.CEU/photos/a.197609386942646/944356368934607/?type=3&theater.

² Informações encontradas em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa230487/cecilia-conde>.

coordenadora da Ação Cultural, juntamente com Darcy Ribeiro, do Programa Especial de Educação da Secretaria Extraordinária e Programas Especiais do Estado do Rio de Janeiro na implantação dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs; e presidente do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia. A musicista foi, ainda, diretora-geral do CBM até 2014 (CONDE, 2016a).

Da construção e fundamentação do trajeto da pesquisa

Diante da escassez de materiais para o desenvolvimento da pesquisa, entrevistar pessoas que conheceram Cecília Conde foi central no trabalho. Além disso, os entrevistados compartilharam comigo materiais a que tinham acesso. As entrevistas se tornam necessárias, à medida que, como lembra Verena (2005), alguns temas não se prestam a investigações aprofundadas em outras fontes, uma vez que não há documentos secundários “disponíveis nas instituições usualmente procuradas” (p. 81), caso desta pesquisa.

Desde antes do falecimento de Cecília Conde, eu estava em contato com uma das pessoas entrevistadas, A. R., amiga próxima da musicista, que conheci por intermédio de minha orientadora. Deparei-me com uma forma inusitada de descobrir quem eram outras pessoas do convívio de Cecília que poderiam ser entrevistadas, me mantendo atenta às publicações no Facebook, rede social online, especialmente nos vinte dias após a professora falecer. O processo de acesso às publicações dos internautas, então em homenagem à educadora, bem como aos comentários que as seguiam, me levou a conhecer pessoas de seu convívio.

Obtive, inicialmente, uma listagem com 125 nomes, que incluíam ex-alunos, colegas de trabalho, amigos e familiares de Cecília Conde. Considerando o tempo para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado e em acordo com Verena (2005), que explica que, além de ser guiada pelos objetivos da pesquisa, a escolha dos entrevistados deve ser orientada também pela posição do depoente em relação ao tema, pelo significado de sua experiência, possibilitando que forneça “depoimentos significativos” (p. 32), selecionei 6 entrevistados.

A pesquisa foi amparada em três metodologias de histórias de vida – o Método Biográfico, a História Oral e a História de Vida –, uma vez todas apresentaram, em suas características, potencialidades para o trabalho, a partir de autores como Corrêa e Guiraud (2009); Ferrarotti (1988); Meihy (2005); Oliveira et al. (2013); Pereira (2000); Silva (2002); Spindola e Santos (2003); e Verena (2005). As características metodológicas da pesquisa são: investigação da vida de um sujeito a partir das narrativas de terceiros e de outros documentos; presença de um tema central, que interessa para o trabalho, em primeiro plano; preservação da espontaneidade do discurso nas entrevistas narrativas.

Ferrarotti (1988) considera que dois tipos de materiais podem ser utilizados em pesquisas cuja abordagem se refere ao Método Biográfico: a) os materiais biográficos primários consistem nas narrativas ou relatos coletados pelo pesquisador por meio das entrevistas que realiza para o estudo; b) os materiais biográficos secundários se referem a todo tipo de documento cuja produção não teve por objetivo servir à pesquisa. Na pesquisa em questão, o material biográfico primário consiste nas entrevistas narrativas realizadas com seis ex-alunos e colegas de trabalho de Cecília Conde, enquanto o material biográfico secundário se configura em documentos bibliográficos, materiais audiovisuais e outros registros escritos encontrados em arquivos online.

Uma educação sem barreiras

Cecília Conde foi uma educadora “sem barreiras” como bem lembrou A. R. (*Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 8). Ao estudar sobre a musicista, pude notar o quanto Cecília prezava pela liberdade de seus alunos no fazer musical, de seus colegas de trabalho no encorajamento da construção de uma docência particular e autêntica; como defendia a criação no ensino de música; o quanto vivia, também em suas ações de educadora musical, a criatividade que pregava e ensinava, encabeçando inúmeros projetos *artístico-cultural-educacional-político-sociais* e sugerindo diálogos entre diversas áreas do conhecimento; como propunha, já na década de 1980, que educação e cultura caminhassem de mãos dadas, enfim. Tudo aquilo remetia a uma *educação sem barreiras*, não-fragmentada, um pensar não-setorizado que permearam seu trabalho de educação musical. Especificamente para esta comunicação, dos

três eixos identificados no pensamento da educadora, isto é, a articulação entre diferentes áreas do conhecimento; a questão da criatividade no ensino de música; e a educação informal/não-formal, cujos aspectos podem amparar a educação musical escolar, trago apresentação e discussão sobre o último aspecto.

Educação e Cultura no ensino de música

Cecilia Conde desenvolveu trabalhos de pesquisa voltados para a Cultura Popular, acreditando e defendendo a relação entre cultura e educação, bem como a importância de se estabelecer vínculo entre ambas no ensino de música. Para a educadora, poder tirar proveito, no que tange à educação, da junção de manifestações culturais diversas, provenientes dessa sociedade culturalmente e racialmente mista, é levar em conta que também “na escola é assim, uma grande colônia” (CONDE, 2016b, p. 16).

I. R. (*Caderno de Entrevistas*, 2018) lembra que para a Cecilia Conde, “cultura e educação são inseparáveis! Andam juntas! (...). Daí o fato de Cecilia ter desenvolvido tantos projetos e ações valorizando a Cultura Popular, a cultura local, a cultura do aluno”. A educadora defendia a presença da cultura brasileira nos mais diversos contextos. A musicoterapeuta M. C. (*Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 35) lembra a forte presença da música negra, do povo brasileiro de matriz africana na dança e na música do VI Congresso Mundial de Musicoterapia que aconteceu no Brasil, em 1990, graças à ação de Cecilia Conde junto a um grupo de musicoterapeutas e artistas. Segundo a entrevistada, Cecilia Conde dizia: “a gente tem que mostrar a cultura. É a cultura que educa, é na cultura que as pessoas se transformam”.

Sendo assim, para a educadora musical, um dos assuntos para o qual as instituições escolares deveriam voltar seu olhar diz respeito à relação entre o ensino de música que acontece dentro delas vinculado às práticas e manifestações culturais populares que ocorrem na comunidade dos estudantes. Nesse sentido, no artigo *Música e educação não-formal*, que Cecilia Conde escreveu com José Maria Neves nos anos 1980 (CONDE; NEVES, 1984/85) – baseados em suas pesquisas sobre grupos de Folia de Reis, Blocos Carnavalescos, conjuntos de música popular, construtores de instrumentos, banda de música e observação de manifestações da lúdica infantil em comunidades –, são abordados os processos de

aprendizagem da Cultura Popular, em contraste com abordagens formais de ensino de música encontradas nas escolas. Os autores fazem uma crítica à distância existente entre vida/cultura e o ensino e aprendizagem escolar, que poderia se inspirar em trabalhos desenvolvidos nas comunidades. Vale mencionar, tal como lembra J. N. F. (*Caderno de Entrevistas*, 2019), que se trata do primeiro texto brasileiro sobre educação não-formal.

Cecilia Conde e José Maria Neves não apenas argumentam que a música popular que ocorre fora da escola deve estar presente também nessa instituição, mas alegam que determinados processos de ensino e aprendizagem característicos das manifestações populares poderiam inspirar práticas escolares, algo que Lucy Green, anos mais tarde, estuda, sistematiza e propõe. Para aqueles autores, seria ideal que a escola tivesse conhecimento da realidade cultural da comunidade para que tirasse disso “recursos de renovação pedagógica”. Nesse sentido, Green (2012) alerta que a familiaridade dos estudantes com a música popular pode ser afetada negativamente de acordo com a abordagem dada a ela em contextos de educação formal. Para a autora,

(...) mesmo a música popular tendo estado presente em sala de aula por muitos anos, a identificação com suas delineações e familiaridade com seus significados inerentes não tem levado a experiências de “celebração musical” para um esmagador número de crianças nas escolas. Portanto, muitos alunos tendem a se encontrar em uma relação ambígua ou mesmo alienada com muita música de sala de aula, mesmo quando é uma música celebrada fora da escola (GREEN, 2012, p. 67).

Sendo assim, é possível compreender que Conde e Neves (1984/85) e Green (2012) concordam que, além de considerar a música popular dentro das escolas, é necessário atentar-se para as formas de transmissão desses saberes.

Apesar de o artigo de Conde e Neves (1984/85) ter sido publicado há mais de trinta anos, tratam-se de discussões vigentes na área de Educação Musical, uma vez que nas escolas ainda são impostos valores que não se relacionam com as manifestações culturais que acontecem fora desse espaço, sendo, por exemplo, desconhecidos, como acentuam os autores, “compositores, conjuntos instrumentais, artesãos de instrumentos, festas e crenças da comunidade” (CONDE; NEVES, 1984/85, p. 42). Na mesma direção, para Carvalho (2011), que fala de uma perspectiva do Ensino Superior, impressiona que não haja, nos

departamentos de música, de arte e de medicina e farmácia, profissionais como músicos tradicionais, artesãos populares e curandeiros, respectivamente.

José Jorge de Carvalho é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília – UnB e coordena o projeto *Encontro de Saberes*, que trata do diálogo entre conhecimentos populares/tradicionais e acadêmicos. “Para este defensor da diversidade e do intercâmbio cultural, a ausência de saberes que vão além daqueles adquiridos pela educação formal só empobrece o ambiente universitário” (MAZOTTE, 2011, p. 1).

Nesse sentido, se dá a importância de se compreender a desvalorização histórica pela qual têm passado os saberes tradicionais que, na visão do antropólogo, devem estar incluídos nas universidades, acrescentando às formas de produção e transmissão de conhecimento presentes nesses espaços (CARVALHO, 2011). Em entrevista, Carvalho (2011) explica que na constituição das universidades brasileiras foram negados os saberes tradicionais existentes no país. Em suas palavras:

Nossas universidades são completamente colonizadas e foram formadas apenas pra reproduzir o saber europeu, letrado e moderno no Brasil. Em nenhum momento se pensou que os indígenas já tinham algum saber constituído e válido ou que as tradições africanas também tinham saberes válidos. Houve racismo e uma atitude de mente colonizada (CARVALHO, 2011, p. 5).

O professor lembra, porém, que, apesar de serem válidos os saberes europeus, já existiam outros tipos de conhecimento no Brasil. Segundo Carvalho (2011), a aceitação, na academia, apenas de pessoas com letramento e que haviam passado pela educação formal tratou-se de uma estratégia para legitimar o saber de origem europeia, e “com isso, garantiu-se a predominância do saber eurocêntrico moderno e a impossibilidade de outros saberes entrarem nas universidades” (p. 6). Cabe sugerir que a desvalorização dos conhecimentos próprios do Brasil e do povo e a concepção, errônea, de que os saberes europeus são superiores a esses se estende também às escolas brasileiras, especialmente ao ensino de música nessas instituições, inclusive por conta da formação dos educadores musicais, nas universidades, pautada nessas ideias.

A educadora musical britânica Lucy Green – que lidera o projeto *Musical Futures*, o qual prevê a adoção e adaptação de métodos informais de aprendizagem de música em

ambientes de sala de aula – tem trazido discussões a respeito das abordagens de ensino de música, a partir de pesquisas sobre processos de aprendizagem de músicos populares, corroborando com ideias de Cecília Conde, que fez despontar o assunto ainda nos anos 1980.

Para Green (2012), cabe valorizar a prática de aprendizagem musical em vez focar o produto musical. Na mesma direção de Conde e Neves (1984/85), a autora estabelece que, “no caso da música popular, isso envolveria mudar a prática pedagógica para abordar os significados inerentes da música popular, de maneira que sejam mais autênticos ao modo de como a música é criada na realidade” (GREEN, 2012, p. 77).

Dentre as características das práticas de aprendizagem de musical informal destacadas por Conde e Neves (1984/85), está a liberdade de escolha nas atividades culturais artísticas. A exemplo disso, no caso de grupos de Folia de Reis, as crianças podem escolher seus papéis, definindo se serão instrumentistas, cantoras ou palhaços. Green (2012) também ressalta a liberdade de escolha dos indivíduos, neste caso, quanto ao repertório com o qual se identificam, em uma proposta de ensino e aprendizagem informal por ela desenvolvida em escolas de Londres e de Hertfordshire, com turmas de 9º ano. A autora, ao contrastar o desenvolvimento do processo em relação à forma como esse se dá na educação formal, afirma que, no último caso, “os professores normalmente selecionam a música com a intenção de introduzir os alunos a áreas com as quais ainda não estão familiarizados” (p. 68).

A criação grupal na tradição popular também é valorizada por Conde e Neves (1984/85). Segundo os autores, a partir desse tipo de atividade, desenvolvem-se laços de fraternidade entre os compositores, ao passo que na prática musical erudita, além do trabalho interpretativo, também a criação se dá de forma solitária, de modo que as obras têm autoria única. Da mesma forma, Green (2012) observou o desenvolvimento do aprendizado em grupo no ensino informal de música, e declara que “isso ocorre consciente e inconscientemente por meio de aprendizagem entre pares envolvendo discussão, observação, escuta e imitação uns dos outros” (p. 68), diferentemente do que é comum em contextos formais, que contam com a supervisão de adultos e orientação de especialista com mais conhecimento e habilidades.

Conde e Neves (1984/85) dão ênfase, ainda, no que tange à cultura popular, ao desenvolvimento da improvisação, da imitação e da criação, bem como do aprendizado da técnica a partir da execução. Para Green (2012), “durante todo o processo de aprendizagem

informal, existe uma integração entre apreciação, execução, improvisação e composição, com ênfase na criatividade”, enquanto no “contexto formal, existe uma maior separação das habilidades com ênfase na reprodução” (p. 68).

Tal como observado por Conde e Neves (1984/85, p. 48), em bandas de música e em orquestras os desafios são colocados de maneira sistemática no processo de aprendizagem, em que convivem pessoas mais e menos experientes tocando juntas. Além disso, o trabalho é desenvolvido sobre o repertório, e não a partir de “exercícios escolares sem nenhuma significação” e a prática se dá, sobretudo, nos ensaios em conjunto, e não individualmente. Assim, os autores enfatizam que o prazer em fazer música está presente desde o início do processo. Nesse sentido, ao citar a prática de tirar músicas de ouvido, presente na aprendizagem informal, que é diferente “de responder a notações ou outro tipo de instruções e exercícios escritos ou verbais”, Green (2012, p. 68) explica:

A aprendizagem informal envolve a assimilação de habilidades e conhecimentos de modo pessoal, frequentemente desordenado, de acordo com as preferências musicais, partindo de peças musicais completas, do “mundo real”. No domínio formal, os alunos seguem uma progressão do simples ao complexo, que quase sempre envolve um currículo, um programa do curso, exames com notas, peças ou exercícios especialmente compostos (GREEN, 2012, p. 68).

De modo geral, pode-se dizer que a aprendizagem musical que se dá por meio das realizações artísticas da comunidade, “dentro de clima lúdico e religioso”, tem características tais como a valorização da imitação criativa, de modo que a criança começa por imitar o adulto e, naturalmente, passa a criar posteriormente; a participação em atividade comunitária; a vivência da prática; o respeito ao tempo de aprendizado de cada indivíduo; “verdadeiro clima de socialização”; a “não delimitação de espaços rígidos de aprendizagem”; e a não super valorização de aspectos estéticos dos resultados obtidos (CONDE; NEVES, 1984/85, p. 49).

Conde e Neves (1984/85) acreditam que a ação educacional e cultural da escola “só se complementar no dinamismo de permanente realimentação” (p. 42), isto é, considerando práticas de ensino desenvolvidas na comunidade, que se tratam da “transmissão de um saber necessário à preservação das manifestações culturais da comunidade” (p. 41). Muitas vezes a educação formal encontra-se desvinculada da realidade, da família e da comunidade dos

estudantes. Para os autores, “ligando-se às suas raízes verdadeiras, ao contexto cultural da comunidade na qual se localiza, a escola encontraria seu caminho verdadeiro” (p. 43).

Em entrevista ao *Jornal Arte & Educação*, Cecilia Conde fala sobre a importância de se formar professores criativos, capazes de valorizar e tirar partido da própria experiência do povo. Na época, a musicista atuava em *Louvação*, espetáculo de teatro do qual participou “cantando sonoridades e ritmos da alma popular” (CONDE, 1974, p. 271). Mais uma vez demonstrando a importância que creditava às manifestações culturais da comunidade, Cecilia explica que se trata de “uma missa nascida do povo”, inspirada na Cultura Popular. A educadora teria partido de uma pesquisa junto a Fernando Lébeis, com uso de materiais sonoros simples e de apenas dois instrumentos musicais – o violão e a flauta –, por estarem presentes em qualquer conjunto regional brasileiro.

Nele encontramos músicas e rezas precedentes das três raças de nossa formação: o índio, o negro e o branco português. A partir de pesquisa feita no Nordeste, sentimos a presença constante do misticismo popular nos cantos da miséria, nos benditos, nas louvações, nas ladainhas, nas incelenças e também nos sons que acompanhavam todas as manifestações do comportamento do povo, como a campaninhas que marcam o trabalho, o ritmo das matracas, o zumbido dos roncadores e maracas, as moedas caindo em pratos de barro, os pandeiros, triângulos, tambores e pífanos dos conjuntos de festas, daí germinando a idéia de agrupar todos esses elementos no ritual de uma missa nascida do povo (CONDE, 1974, p. 271).

Tacuchian (2018) classifica Cecilia Conde como “uma figura poliédrica, inquieta, plena de entusiasmo que transmitia energia para todos aqueles que conviviam profissionalmente com ela”, “uma educadora 24 horas por dia e uma ativista cultural de 360º” (p. 2). Além disso, acredita que “no ensino formal, a postura de Cecília Conde é pouco convencional, mas altamente competente. Entretanto, é na educação não-formal que vamos encontrar o império de Cecília Conde” (p. 3), o que se confirma e é possível compreender a partir do conhecimento sobre suas ações, sobretudo aquelas abordadas neste capítulo.

À guisa de conclusão

Educadora, musicista, musicóloga, musicoterapeuta, pedagoga, compositora, pesquisadora, pensadora, amiga e Mestre são as atribuições dadas à Cecilia Conde por pessoas

que se expressaram nas redes sociais após seu falecimento. A necessidade de uma homenagem em prol dos seus trabalhos foi reconhecida por internautas, e a própria educadora confessou que gostaria de ter escrito sobre suas experiências em tantos anos de trabalho em favor da música, da educação e da cultura (CONDE, 2016a).

Conhecer e reconhecer Cecília Conde, estudando e aprendendo com esta educadora musical, poderá contribuir para nossa formação, no repensar de nossas práticas e na possibilidade de ter acesso às ideias e ações, de ter como parâmetro alguém que tanto fez pelo ensino de música de nosso país. Espero poder contribuir nesse aspecto, trazendo, com essa pesquisa, uma parcela do que a Mestre fez pela área da Educação Musical.

Assim como lembrou a musicista, foram muitos anos de contribuição (CONDE, 2016a). Dessa forma, talvez não coubesse a ela mais essa tarefa de sistematizar o que fizera e a forma como pensara o ensino de música. Dada e cumprida a missão da Cecília Conde, “agora chegou a hora da Almirante descansar”, cabendo, então, às próximas gerações de músicos-educadores-pesquisadores conhecê-la, reconhecê-la e estudar e aprender com a educadora. “Talvez ela continue navegando por aí, dentro de algum navio fantasma, não por uma maldição como na ópera de Wagner, mas como uma benção, por entre as galáxias, e ainda servindo de rumo para as novas gerações de educadores musicais e animadores culturais. Bons ventos para a viagem da imortal Cecília Conde” (TACUCHIAN, 2018, p. 4).

Referências

- A.R. *Entrevista I*. [dez. 2018]. Entrevistadora: Nicole Penteadó. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp4 (114 min.). Entrevista concedida à pesquisa *Cecilia Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical*.
- BRAGA, Eudes de Carvalho. *Paulo André Tavares: narrativas com música de um professor de violão popular*. 2016. 155p. Dissertação (Mestrado em Música) –Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- CARVALHO, José Jorge de. Universidades empobrecidas de conhecimento. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2011.
- CONDE, Cecilia Fernandez. Linguagem musical na educação: entrevista com Cecilia Conde. [dezembro, 1974]. Entrevista concedida ao Jornal Arte e Educação. In: MIRANDA, Orlando (org.). *Coletânea do Jornal de Arte e Educação*, Rio de Janeiro, Teatral, 2009, p. 271.
- CONDE, Cecilia Fernandez. Prefácio. In: FERNANDES, José Nunes. *Música nas escolas públicas cariocas*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 2016b, p. 15-19.
- CONDE, Cecilia Fernandez. Prefácio. In: Mateiro, Teresa; Ilari Beatriz (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2016a. p. 9-21.
- CONDE, Cecilia Fernandez; NEVES, José Maria. Música e educação não-formal. In: *Pesquisa e Música*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 1984-85, p. 41-54.
- CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; GUIRAUD, Corrêa, Luciene. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-687, set./dez. 2009.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- FIALHO, Vania Malagutti. *Aprendizagens e prática musicais no Festival de Música Estudantil de Guarulhos*. 2014. 313 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012.

I.R. *Entrevista IV*. [dez. 2018]. Entrevistadora: Nicole Penteado. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp4 (64 min.). Entrevista concedida à pesquisa *Cecilia Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical*.

J. N. F. *Entrevista V*. [fev. 2019]. Entrevistadora: Nicole Penteado. Chamada de vídeo via Skype, 2019. 1 arquivo .mp4 (46 min.). Entrevista concedida à pesquisa *Cecilia Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical*.

MARTINS, Kelly Aparecida de Paula. *A trajetória profissional de Edmar Ferretti: memória e história*. 2018. 474p. Dissertação (Mestrado em Música) –Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2016

MAZOTTE, Natalia. Universidades empobrecidas de conhecimento. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2011.

M.C. *Entrevista III*. [dez. 2018]. Entrevistadora: Nicole Penteado. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp4 (78 min.). Entrevista concedida à pesquisa *Cecilia Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical*.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5 ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

OLIVEIRA et al. História Oral e o Método Biográfico: Congruências, Diferenças e Potencialidades de Utilização no Campo da Administração. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 4, 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2013, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ159.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, v. 3, p. 117-127. 2000. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=26&path%5B%5D=20>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SARFSON GLEIZER, Susana. Historias de vida en educación musical. Ana Lucía Frega: formación e influencias. *Historia y Memoria de la Educación*, v. 8, p. 683-698, 2018. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/19796>>. Acesso em 5 ago. 2018.

SCHNEIDER, Jade da Rosa. *Quando um professor se faz histórias: o professor Eugênio Schneider e narrativas (auto) biográficas de um legado de ensino de música em Santa Maria*

- RS. 2017. 101p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *Métis: História e Cultura*, v. 1, n. 1, p. 25-38. 2002. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com histórias de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126. 2003. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

TACUCHIAN, Ricardo. Cecília Conde: uma educadora 24 horas por dia, uma ativista cultural de 360º. Discurso proferido na Academia Brasileira de Música, no dia 08 de outubro de 2018, em memória da Acadêmica Cecília Fernandez Conde (Rio de Janeiro, 26/01/1932 – 11/09/2018). Rio de Janeiro, 2018.

VERENA, Alberti. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.